

Heródoto e Tucídides*

Herodotus and Thucydides

Leopold von Ranke

Heródoto e Tucídides situam-se, cronologicamente, em uma relação não muito diversa daquela existente entre Sófocles e Eurípides. Heródoto é o mais velho; segundo um cálculo antigo, embora muitas vezes contestado, e que jamais foi substituído por outro que oferecesse melhor certeza, ele tinha, nos inícios da Guerra do Peloponeso, cinquenta e três, e Tucídides quarenta anos. Mas a situação social e os destinos dos dois fundadores de toda ciência e arte histórica foram muito diversos, e, de fato, opostos. Heródoto nasceu em uma cidade do litoral asiático que mantinha estreitas relações comerciais e políticas com as nações orientais, tanto que dedicou uma parte da sua vida à investigação das mesmas, mudou-se para a grande metrópole comercial, Samos, e depois, finalmente, para Atenas, que então havia alcançado o ápice de seu poderio marítimo. Ele era um estrangeiro em Atenas, mas se uniu com entusiasmo e admiração aos atenienses. Tucídides, ao contrário, ateniense de nascimento e de origem nobre, o qual fora preparado para ocupar um dos mais importantes postos então existentes, o comando de uma esquadra da frota, teve o infortúnio de ser antecedido, talvez por apenas um dia, pelos Peloponésios que ocuparam Anfípolis antes que a alcançasse com as suas naus. Assim, perdeu as boas graças do povo ateniense, naquele tempo dominado por um líder democrático que não tinha consideração por ninguém. Foi punido com o exílio que transcorreu em sua propriedade de herança, parcialmente sob a proteção dos lacedemônios. Esse infortúnio foi-lhe vantajoso para a composição da história da guerra que ele, desde seu início, decidira escrever. Ele não estava mais limitado apenas aos rumores e narrativas de sua cidade natal e encontrou os meios para poder alcançar um entendimento e uma exposição imparciais. Enquanto o estrangeiro sentia-se levado a privilegiar Atenas, o ateniense tinha bons motivos para observar os atos de seus concidadãos sem um patriotismo unilateral. Mas existe outra diferença não menos importante. Heródoto testemunhou a grande guerra entre persas e gregos que, como escreveu, dominava o horizonte do mundo. Tucídides cresceu em meio às lutas dos próprios gregos entre si, e

252

* Revisão a partir do original alemão: Sérgio da Mata e Walkíria Oliveira Silva. Traduzido por Francisco Murari Pires a partir da versão italiana do texto de Ranke: *Tucidide nella Storiografia Moderna*, a cura di C. Montepaone, G. Imbruglia, M. Catarzi e M.L. Silvestre. Napoli: Morano Editore, 1994, p. 107-117. Para a revisão, utilizou-se a quarta edição da *Weltgeschichte*. München/Leipzig: Duncker & Humblot, 1921 (vol. 1, p. 217-224).

A divisão dos parágrafos foi refeita segundo o original. Os revisores gostariam de expressar seu agradecimento a Fábio Favarsani por suas sugestões.

entre Atenas e Esparta. Os dissídios internos gregos aparecem já, é verdade, em Heródoto, como aparecem, também em Tucídides, os conflitos entre persas e gregos; mas em Heródoto, os primeiros, e em Tucídides, os últimos, ficam em um plano secundário. Heródoto direciona sua atenção para a luta geral externa, Tucídides para a interna. Heródoto era, antes de tudo, um viajante. Sua cidade natal, Halicarnasso, tomou parte na colonização comercial de Naucrátis, através da qual se abriu o tráfico entre os gregos e os egípcios. Pode-se admitir que estas relações fizeram com que, desde muito, cedo Heródoto voltasse seu olhar para o Egito, e, mais tarde, quando as mesmas não mais se mantinham, encontrou lá uma boa recepção. Entre todos os estrangeiros, ele foi o primeiro a consagrar aos monumentos do antigo Egito a atenção que mereciam; visitou a Fenícia e viu as maravilhas da Babilônia; pela grande estrada que leva de Éfeso a Sardes, e de Sardes a Susa, alcançou o interior do império persa; esteve em Ecbátana. Todavia o oriente não o atraiu, como um tempo depois a Ctésias. Heródoto só tinha olhos para a superioridade dos helenos; nem por um instante esqueceu que era um grego. Das costas e dos territórios gregos, ele discorre com tal precisão que revela que conhecia por experiência direta a maior parte. Em Atenas, estava praticamente em casa; pois sua cidade natal, embora também vertesse tributo ao grande Rei, mantinha estreitos laços políticos com Atenas. Assim, Heródoto conheceu pessoalmente os territórios que constituíam o mundo civilizado da época; visitara-os por seu ímpeto inato de instrução. Percebemos como seu intenso desejo de conhecimento o acompanhou por todos os lugares.

A obra em que ele reuniu parte das informações obtidas é, ela mesma, um acontecimento na história daquele século. No espírito de Heródoto refletiram-se as singularidades das nações. Por toda parte procurou, sobre o país e sobre o povo, as informações que, em sua obra, se deixam distinguir umas das outras. As notícias etnográficas que a ele são devidas são já, por si mesmas, de alto valor; recebem uma dupla importância devido ao elemento histórico com que foram entrelaçadas em uma totalidade.

Tais notícias não podiam alcançar o passado muito além do horizonte dos homens de então. É surpreendente que tendo tido Heródoto a fantasia de escrever a história do domínio assírio, depois se mostre, no livro que de fato escreveu, pouquíssimo informado. Do contrário, teria apreendido a situação egípcia sob a dinastia saíta de modo muito diferente. Mas a Assíria já tinha desaparecido das lembranças vivas dos contemporâneos. A memória fora dominada pela prosperidade e pelas realizações dos reis persas. Sobre sua origem mesma dispunha-se apenas de relatos míticos, que Heródoto reproduz tal como os obtivera dos persas e dos egípcios.

Mas estava fresco na memória o encontro hostil entre a Pérsia e a Grécia. As grandes batalhas decisivas tinham sido travadas. Heródoto não teve qualquer lembrança pessoal das mesmas; mas se viviam ainda suas consequências; elas ainda dominavam as relações recíprocas entre o Oriente e

o mundo grego. Todas as forças de ambas partes tinham sido ativadas, haviam se confrontado e medido forças. A situação do mundo dependia dos empreendimentos dos persas contra os gregos, do fracasso daqueles e do contra-ataque dos últimos. Esses acontecimentos constituem, então, uma outra parte das notícias de Heródoto. Articulá-los à primeira parte e apresentá-los em suas conexões era o tema mais digno que se podia encontrar: a primeira verdadeira história que foi escrita. Pois a história não poderia florescer no exclusivo âmbito interno do solo nacional; as nações tornam-se cômicas de si mesmas somente mediante seus encontros recíprocos. Um espírito universal pode também fazer justiça aos dois complexos de populações em disputa entre si. Heródoto é absolutamente justo. Não odeia os bárbaros; de outro modo como poderia descrevê-los? Foi, muitas vezes, acusado de preferir os atenienses e de ter derivado de motivos pessoais o juízo favorável a respeito da conduta destes na guerra. Hesito em concordar. A famosa passagem em que descreve como a salvação da Grécia seria devida à resolução tomada pelos atenienses de se defenderem no mar contém uma verdade evidente. Assim foi de fato; a percepção do que teria acontecido se não tivesse sido assim, deu-lhe a ocasião de escrever aquela passagem que, julgada do ponto de vista histórico-político, é, talvez, a melhor de toda a obra. Heródoto possuía o dom da narrativa simples e agradável de episódios singulares, o que confere a seu livro uma atração incomparável, mas também uma aguda perspicácia no que diz respeito às situações gerais. Em sua grandiosa composição, esta obra jamais foi alcançada, e muito menos sobrepujada. Mas é compreensível que com isso não se achem satisfeitas todas as exigências que podem ser feitas a uma exposição histórica. Tudo estava apoiado em tradições orais; e abordava um acontecimento que, ocorrido há várias décadas, não foi presenciado diretamente pelo historiador e para o qual não era possível encontrar testemunhas fidedignas a respeito do tema de sua obra. Havia ainda um outro duradouro serviço que poderia ser prestado através da exposição de um evento ocorrido ante os olhos do historiador. Poder-se-ia então abrir mão dos relatos orais sobre uma época passada, e que se baseiam sempre em recordações incertas. Uma exposição exata de um acontecimento específico deveria substituir o fascínio de uma reconstrução geral. Isso o fez Tucídides. Seu tema não foi um conflito que abarcou todo o mundo, mas o embate entre duas repúblicas importantíssimas. No momento em que o ódio recíproco explodiu em aberta hostilidade, Tucídides acompanhou seu transcurso com o intuito de descrevê-lo. Um só autor não teria podido realizar ambas as coisas. Dois homens de caráter diverso, com aptidões diferentes, foram necessários para isso. Tanto em um como no outro, manifestam-se também formas de percepção que correspondiam aos seus temas e à sua época. Heródoto, em seu contato com diferentes povos, cujas religiões ele observava atentamente, compreendera mentalidades diferentes das que eram comuns ao povo grego. Ele próprio se coloca, historicamente, contra as divindades fabulosas. Em sua opinião, os antigos pelasgos, e com eles os helenos, adoravam deuses sem nomes especiais.

Os gregos tinham recebido os nomes dos seus deuses do Egito. Em Dodona contaram ao historiador que, certa vez, o oráculo fora formalmente interpelado para saber se tais nomes deveriam ser aceitos, o que o oráculo acedeu; depois vieram Homero e Hesíodo, os quais teriam fixado os nomes dos deuses, suas atribuições e inventado a Teogonia; mas isto era, por assim dizer, algo recente, impossível de ser comparado à remota antiguidade do Egito.

Heródoto não esteve apenas em Dodona; conhecia os mistérios de Elêusis, ele se iniciou nos mistérios dos Cabírios de Lemnos. Acerca disso, manteve silêncio; mas, por vezes, indica que por trás da fé nos deuses há ainda outra coisa, sobre a qual não quer nem pode falar. A despeito disso, porém, ele não nega a existência dos deuses e dos heróis. Muito pelo contrário, expressando-se assim receia instigar sua cólera. Quando contesta uma narrativa acerca de Hércules, roga a benevolência dos deuses e dos heróis.

Ele, portanto, não duvida da existência e da realidade dos deuses; repete a teoria de que eles não podiam se subtrair ao destino, situando-o, deste modo, fora da esfera da volição divina; não aborda a eficácia de cada deus específico; admite que algo de divino exerceria sempre um influxo profundo sobre as coisas humanas. As suas afirmações a esse respeito são, especialmente, de dois tipos.

Os deuses protegem a coragem e o juízo; mas perseguem, por uma espécie de inveja, aquele que se eleva. Se lermos seu livro por algum tempo e nos abandonamos às impressões que, ao passar de um ponto ao outro, o autor produz, percebemos que é constante uma influência direta da divindade. Ele venera os deuses, como potências efetivas que anunciam sua vontade por meio de oráculos e os cumprem infalivelmente, e que se vingam daquele que os insultam mesmo que apenas em intenção. Tal foi a concepção de Ésquilo e, no fundo, também a de Eurípides, que reprova por suas injustiças e violências. Os deuses governam o mundo humano; mas não possuem um poder dominador absoluto. Existe uma religião ainda mais remota e profunda, que, entre outras coisas, se manifesta em Nêmesis, a qual Heródoto percebe ali mesmo onde os homens em geral a ignoram.

Desde sempre se observou o quanto Tucídides está afastado da fé de Heródoto nos deuses. Não se trata de uma oposição absoluta: pois, se fosse este o caso, teriam sido retomados os antigos conceitos sobre os deuses que Heródoto rejeitara. Mas Tucídides estava, de sua parte, impregnado por ideias difundidas, e a que os poetas haviam dado expressão, segundo as quais a crença nos deuses fora limitada ou destruída. Ele também admitia um elemento divino nas coisas humanas; lamentava que as pessoas não se unissem para preservar as leis divinas, mas para as infringir. Fala em termos desaprovadores da profunda falta de sentimento religioso. Mas no que diz respeito à concepção da intervenção direta dos deuses nas coisas humanas, nele, não se encontra qualquer traço. De fato: não nega diretamente os oráculos, chegando a apresentar algumas coisas que poderiam confirmar os vaticínios, mas sua atitude

em tais casos é sempre cética. Se, por exemplo, a propósito de um terremoto ocorrido na Lacedemônia, atribui-se sua causa à ofensa cometida contra o asilo onde se haviam refugiado os hilotas, ele o relata mas sem com isso minimamente indicar que compartilha tal opinião. Pois ele não estava alheio às ciências da natureza então em formação. Lembra, com certa ironia, a opinião dos liparianos de que a forja de Hefesto estaria em sua ilha; tem uma concepção totalmente diversa da fumaça que eles veem elevar-se durante o dia, e do fogo durante a noite. Quando, em algum lugar, as manifestações da natureza exercem influência sobre as decisões tomadas pelos homens, ele dá mostras de sua desaprovação. É característica a sua atitude em relação à afirmativa de que um anátema fora emitido contra quem tivesse usado para suas habitações o assim chamado Pelásgico de Atenas. Quando quiseram atribuir os infortúnios que se seguiram ao fato de não terem dado valor àquela maldição, ele não compartilha dessa opinião; antes, afirma que tudo reduzir-se-ia ao fato de que aquele lugar era inadequado para seus habitantes. O verdadeiro progresso realizado por Tucídides estaria no fato de que ele vê a motivação histórica nas qualidades morais da natureza humana. Não devemos, a este respeito, nos servir das passagens que ele inclui em seus discursos: pois estes foram moldados em conformidade com as características daquilo que introduz discursivamente. Todavia, por vezes, ele próprio faz-se ouvir como observador das questões humanas: a natureza humana assim dispõe. Ela seria dominada pelas próprias paixões; desprezaria a justiça e não suportaria nada de mais elevado acima de si; outro mal seria a tentação e o furor da vingança; os homens estariam assim a violar as leis por meio das quais são protegidos, de tal modo que encerram sua própria ruína. Ele vê na ampliação do domínio dos poderosos a causa donde proveem todas as desordens na Cidade. Em geral, é apenas um pretexto quando se fala sobre as vantagens de uma aristocracia moderada ou de uma isegoria democrática: tem-se em mente apenas sobrepujar os adversários; a fama adquirida por meio da virtude possui valor menor do que a astúcia habilidosa. Os infortúnios, de um lado, e as complicações da guerra, de outro, é que dão oportunidade a tudo isto e geram novos males. É o próprio homem, sobretudo em seus vícios e sofrimentos, que ocupa o ponto central em sua história. Nisto ele se contrapõe a Heródoto do mesmo modo que a Eurípides e a Sófocles, e ainda mais face a Ésquilo. Entretanto, sua divergência era ainda melhor justificada do que a de Eurípides, pois a tragédia não pode ser pensada sem a ficção, enquanto que a história tem por objeto justamente o homem. Uma de suas condições imanentes é que a história busca captar, compreender e tornar compreensíveis as questões humanas como elas são. Tucídides abdica de toda lenda e ficção. Em dado momento, atribuiu um valor especial ao fato de ter buscado investigar os acontecimentos assim como aconteceram. O maravilhoso, prezado por Heródoto, desaparece aqui completamente por detrás de simples fatos. Tucídides, por vezes, dá o tom de uma simples crônica à narrativa. Ela impressiona pela confiança e, ao mesmo

tempo, pela compreensibilidade. Se ele atribuiu aos lacedemônios a segurança de que desfrutou, não se poderia, entretanto, dizer que laconiza. Seu talento inato estava justamente em julgar com equidade as duas partes. Atendo-se aos simples fatos e indagando somente a respeito das motivações humanas, conferiu a sua história, no curto período contemplado, a qualidade da clareza e a imensa capacidade, que tanto admiramos, de tornar visível o passado.¹

A narrativa de Tucídides é totalmente analítica; ele preza particularmente a cronologia precisa. Em tudo, inclui acontecimentos que outros poderiam considerar insignificantes, pois seu propósito é registrar o que aconteceu. Mas neste propósito assenta um desenvolvimento que volta e meia salienta, de modo que a atenção do leitor está sempre, simultaneamente, voltada para o geral. Os méritos de sua narrativa aumentam e diminuem com os acontecimentos. Em um dado momento, descreve de tal forma todos os movimentos e discussões políticas relacionados à dissensão entre Argos e Lacedemônia que estes só poderiam despertar um interesse moderado. Neste ponto irrompe a batalha de Mantinéia. Tucídides a descreve no que toca aos costumes e às experiências de guerra dos lacedemônios: ao indicar os aspectos sobre os quais adverte não estar perfeitamente seguro, reforça a confiança naquilo que narra. Então põe em relevo especialmente a conduta de cada tropa e de cada grupo de povos que ali atuaram, sem, todavia, dispersar sua atenção. A descrição da batalha é insuperável, clara até mesmo nas complicações. Também o rei espartano, que desejava refutar as reprovações que lhe eram feitas por causa de sua conduta anterior, a qual evidenciava seu ímpeto pelo avanço, sua súbita prudência, e, por fim, sua disposição para a batalha, é uma figura ímpar na história militar. A imparcialidade leva a ver as coisas tais como são.² Em Heródoto isso dificilmente seria possível, porque os deuses desempenham nele um papel demasiado importante. Tucídides apresenta a ação humana em e por si mesma, embora não deixe de narrar como o exército lacedemônio, às vezes, volta para casa apenas porque obtivera na fronteira vaticínios desfavoráveis do oráculo.

É típico dele apresentar os diferentes tratados integralmente, mesmo em seu dialeto original, inclusive quando não exerceram maior influência. Nesta exatidão quanto às minúcias, esbarramos em uma dificuldade que não podemos, aqui, nos eximir de indicar. Como se explica que Tucídides não tenha reproduzido literalmente a carta que Nícias enviou a Atenas sobre situação da Sicília, mas outra, que esclarece sucintamente os fatos? Mais ainda: e quanto à autenticidade dos discursos que constituem quase que a parte principal de sua obra? Foram estes verdadeiramente pronunciados assim como os transmite? É característico, porém, como eles se prestam à concepção historiográfica do autor.

¹ No original: *Vergegenwärtigung* (nota dos revisores).

² No original: *Die Unparteilichkeit führt eben zur Gegenständlichkeit* (nota dos revisores).

Quando se lê, no primeiro livro, o discurso dos coríntios na Lacedemônia, vê-se que o mais importante, uma contraposição entre Atenas e Esparta, é muito bem-vindo para o historiador no início de uma obra que descreve a disputa entre estas duas cidades.

O discurso que se segue então, o de Péricles, tem por conteúdo fundamental a supremacia do poderio naval sobre o terrestre, elemento este importantíssimo para o transcurso da história, tanto que é colocado bem oportunamente em primeiro plano. Porém em ambos os discursos as causas objetivas, que determinam todas as situações, são dispostas com convincente exatidão. O discurso pronunciado em Olímpia pelos mitilênios e o discurso de Cleonte referente à sublevação de Lesbos, põem às claras, considerados conjuntamente, a desproporção entre o domínio de Atenas e as potências confederadas da Liga. Mas se Cleonte falou tal como suas palavras estão aqui referidas, tem-se o direito de duvidar. Pelo menos não se atribui ao demagogo uma formação política tal como a manifesta neste discurso.

Também no que se refere às deliberações que precederam ao empreendimento na Sicília, Tucídides preocupou-se menos em expor os motivos pessoais que levaram àquele desfecho do que as causas fundamentais do empreendimento em si mesmo.

De qualquer modo, chama a atenção que um autor, igualmente notável, tenha atribuído a Nícias um discurso sobre o projeto de atacar Siracusa muito diferente daquele que Tucídides atribui-lhe, e, no entanto, bastante exato no essencial. Que não se suponha que queiramos tomar por verídico, literalmente, aquele longo diálogo entre atenienses e mélios em que estes defendem sua própria independência, ao passo que os primeiros exigem sua submissão e que entrem em sua aliança. Os fundamentos sobre os quais se baseiam os dois partidos são historicouniversais (*universalhistorisch*); entre os atenienses, encontram-se os mesmos que participaram da campanha contra Siracusa. O que é singular é a dialética com que ambos defendem sua própria causa.

É verdade que o olhar de Tucídides é dirigido predominantemente para Atenas, mas seu mérito consiste justamente no de ter elaborado acerca do adversário uma concepção clara, a qual se manifesta nos discursos. Primorosos são os discursos de Brásidas, nos quais se encontram perspectivas que estão além de seu tempo; nem se deve dar menor valor ao discurso de Hermócrates em que se prediz o resultado ruinoso do empreendimento dos atenienses contra Siracusa, pelo mesmo motivo pelo qual se dera a funesta sorte dos persas. Neste ponto, alude-se também à posição e ao poderio de Cartago. Se é possível, a partir daí, limitar o horizonte do historiador, deve-se perguntar como seria possível que Tucídides tivesse exato conhecimento dos discursos e suas réplicas pronunciados em Siracusa, ou daquele outro discurso feito por Demóstenes às tropas junto a Pilos. A descrição dos combates em Pilos constitui uma joia da historiografia, mas considerar esses discursos como tendo sido literalmente pronunciados, não o ousaria. Por meio dos discursos somos introduzidos nas dissensões internas que agitavam o mundo grego. Estas são retratadas com

uma luminosa verdade; toda teoria é nelas evitada. O próprio historiador não apresenta nenhuma, e, com isso, torna tanto mais familiar a realidade para nós. Só que nisso reside, ao mesmo tempo, um afastamento do chão da verdade exata; as opiniões do historiador apresentam-se como história (*Historie*). Este é um momento em que a oratória, que naquele tempo florescia em Atenas, une-se à história (*Historie*).

O mestre de Tucídides foi Antifonte, ao qual antes nos referimos.³ Tucídides dizia ser ele um homem de pensamentos sólidos e que os expressava de forma igualmente eloquente. Com isso, define-se o próprio caráter dos discursos tucidideanos. Sabe-se que foram adotados como modelos de eloquência. Demóstenes estudou-os. Tucídides foi, ao mesmo tempo, orador e historiador: a sua narração é isenta de toda retórica; mas celebra seu grande triunfo nos discursos. A união entre uma e outra correspondia tão bem à vida pública da Antiguidade que, acolhida pelos historiadores posteriores, constituiu, até certo ponto, a essência da historiografia antiga.⁴ A qual, desde então, frequentemente degenerou em mera pompa.

³ Trata-se, aqui, de um lapso de Ranke, uma vez que Antifonte não é mencionado em nenhuma passagem dos capítulos precedentes (nota dos revisores).

⁴ No original: *den Charakter der antiken Historiographie* (nota dos revisores).